



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVI—N.º 391—Preço 1\$00
7 DE MARÇO DE 1959

Vales do Correio para Paço de Sousa—Avença—Quinzenário
Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato—Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA—Director e Editor: PADRE CARLOS
Redacção e Administração: Casa do Gaiato—Paço de Sousa

ANIVERSÁRIO

○ postal marca a data de 2 de Fevereiro; foi remetido de um lugarejo desta província do Douro; e revela uma cultura incipiente. Revela... — eis o verbo. Deus revela às almas simples e humildes os Seus segredos, — que esconde, tanta vez, dos sábios que são soberbos!

Peço o favor para me mandar um jornal do Gaiato para eu fazer parte dele todo o ano zero ser pelas crianças que se encontram nessa casa peço, para mo mandar quanto antes para eu ficar a fazer parte dele com isto peço para me mandar o preço anual e se éle fora em conta que eu o possa assinar faso parte dele sempre por essa peso desculpa e se for preciso mandar o dinheiro todos os meses eu mandou foi um rapaz meu colega que me disse que avia em Paso de Sousa jornal e eu como sou um rapaz religioso rezulvi compralo com isto tremino pedindo desculpa Adeus até quando eu aí for e espero o jornal quanto antes».

Eu tomo esta mensagem por tema do 15.º aniversário de «O Gaiato» — e dou graças a Deus. Era ainda simples leitor e leigo; depois seminarista; agora que sou padre e herdei, com os nossos padres, a responsabilidade, mais divina do que humana, de conservar famoso o *Famoso* — pois nunca mudou aquela funda emoção causada pelo acto vivo, totalmente participado pela multidão de leitores, da Liturgia essencial do Amor, de que a «Obra da Rua» é um Altar e o nosso jornal, a sua expressão mais impressionante.

Este número dá particular relevo à colaboração dos leitores. (Não há número, de resto, em que o diálogo não seja uma presença viva!). E eu não desejo mais nada, neste pequenino editorial, senão saborear e dar a saborear o profundo sentido das palavras deste novo assinante:

...«para eu fazer parte dele»...

...«para mo mandar quanto antes para eu ficar a fazer parte dele...»

O amor é assim: unitivo e ansioso. Ansioso de realizar a unidade; que significa e produz estabilidade; a qual contém em si os elementos de tranquilidade e ordem, que integram a Paz. Estabilidade quer dizer: equilíbrio no movimento — conceito completamente oposto ao de estagnação. Nesta, a ânsia termina em inferno. Naquela, a ânsia termina em Amor.

Ora é isto que «O Gaiato» tem dado a todos os seus leitores. Que «O Gaiato», à imitação do Deus, «vomita os tibiões»; e acontece-lhe como com Cristo, que «quem não é por ele é contra ele». Mas os seus, os que são com ele, *fazem parte dele*, assim como ele faz parte da vida deles. Quanto, testemunhos desta verdade nós não vamos encontrar, de tantos leitores, por esse número além!...

E porque é que este novo assinante, porque é que todos os nossos leitores, *fazem parte dele*? Porque todos, por meio dele, encontraram no seu coração o desejo, o único desejo que vale a pena: «zero ser pelas crianças, que se encontram nessa casa». Isto é: quero ser pelos pobres, pelos oprimidos, pelos perseguidos, pelos sofrendores, pelos abandonados, pelos esquecidos... — por todos aqueles que são uma imagem fiel de Nosso Senhor Jesus Cristo e constituem para cada um de nós a oportunidade e a promessa da bemaventurança: «O que fi este ao mais pequenino dos meus irmãos, foi a Mim». Por isso, «vem, bendito de meu Pai,

CONTINUA NA SEXTA PAGINA



Varanda do redondo da Casa-Mãe:
Pés firmes no granito. Olhar ao longe... Símbolos de uma Fé que arredou montanhas pela virtude do Amor.
Eis o retrato de Pai Américo.

Facetas de uma Vida

Ainda que olhos superficiais o farisaicos (que os tem havido...) possam achar desarmonia entre a sólida piedade do seminarista Américo, aqui testemunhada em números anteriores, e hábitos longamente enraizados em 37 anos de vida de bom nível — a verdade é que nem há desarmonia alguma, nem Pai Américo precisou vez nenhuma de ser menos humano para não fugir ao sobrenatural.

Já «naquele tempo» foi assim com o Mestre: «Ele come com os publicanos e os pecadores... Os seus discípulos não lavam as mãos antes de comerem...» Como se os homens de Deus — Cristo a infinita distância — não fossem, justamente, porque de Deus, homens universais, capazes de sintetizarem antinomias, de que o homem de capelinha, de coração estreitado em partidos e

escolas, não pode ser sujeito, simultaneamente, sem se negar.

Vejamos o que nos diz o Rev. mo Padre José Ribeiro da Costa, actual Pároco de S. Lourenço do Bairro, da diocese de Aveiro.

O Américo habitou o 3.º quarto a contar da travessa norte para a do meio, no corredor da 3.ª Perfeitura. No quarto vizinho, o 2.º, morava eu:

Todos os dias no fim da refeição do meio-dia lá ia ele para o quarto fazer o seu cafézinho, que nunca dispensou. E, batendo na parede, anunciava ao vizinho que viesse tomar também.

Estava autorizado a isso e utilizava uma pequena máquina a alcool para o fazer.

Tinha tido uma educação inteiramente livre que mal se coadunava com certos princípios da disciplina do Seminário. O que para outros era fácil, porque o faziam desde crianças, a ele tocava-o na sensibilidade — e sofria!

Uma vez, o Prefeito Padre Augusto da Silva Campos Neves deu certa ordem. Ao Américo custou-lhe tanto, que cobriu a cabeça e o rosto com a capa e foi assim cumprir. Não conseguiu averiguar do que se tratava.

Compreende-se melhor, assim, os princípios que adoptou para base da educação da pequenada nas suas Aldeias.

Amigo de todos, vivia muito na intimidade do Padre Cruz

CONTINUA NA SÉTIMA PAGINA

Uma VISITA

Foi no Tojal. Avisados de véspera, aconteceu mesmo como nós gostamos: uma visita de surpresa. Nenhuma preparação. Dentro de portas nada de cenário. O Sr. Almirante Américo Tomás, veio conhecer-nos em verdade, tal qual nós somos. Num manhã de sábado, dia de limpezas e arrumos (dia de ba'deação, como se diz a bordo e S. Ex.º recordou.) Uns na erva; outros no campo; outros a tratar dos animais. Os das oficinas no seu lugar; os das obras no seu posto. Cozinheiros junto ao fogão; roupeiros na rouparia. Uns calçados; outros descalços. Hav'a deles com a fralda de fora. E um «batata», até, vendo as belas fardas dos dois oficiais ajudantes que acompanhavam

o Sr. Presidente, resolve sair de dúvidas, adianta-se e pergunta: «Final quem é o Sr. Américo Tomás?»

Tudo simples, tudo familiar; tudo tão a gosto de Pai Américo, que nós sentimos, mais de uma vez, que ele estava lá de cima acompanhando sorridente, a visita do seu homónimo Presidente da República.

Quem anunciou a visita disse que o Sr. Almirante gostava de ass'tir ao princípio do almoço dos rapazes. Padre Zé Maria foi mais longe e teve, não sei se a simplicidade se a ousadia, de lembrar: «E se o Sr. Presidente comesse o caldinho connosco?...»

Ignoro se um convite destes, com a impossibilidade prática de uma preparação adequada, coube, alguma vez, no protocolo. A visita, porém, era para além dele, e a verdade é que S. Ex.º aceitou.

Não vou dizer aqui o que

CONTINUA NA SEXTA PAGINA

Pão dos Pobres

Já não é sem tempo, verdade seja. Mas agora o panorama anima-se. O 1.º volume do «Pão dos Pobres» está pronto de impressão e a dobragem das folhas vai em grande forma a mais de meio caminho.

Este primeiro volume é a primeira colectânea de escritos que Pai Américo publicou em Coimbra, há muitos anos e que desde há muitos anos também estava esgotado. É um livro inédito para a maioria dos leitores de «O Gaiato», que ao tempo da 1.ª edição ainda não conheciam nem a Obra nem o seu Autor.

O «Pão dos Pobres» tem o sabor de primícias: nem tanto por ser a primeira expressão literária de um caminho que havia de conservar indelévelmente impressas as pègadas do seu pioneiro, como justamente por nos deixar ir seguindo, no encalço dele, esses primeiros passos cheios de descobertas sempre novas, porque o caminho

CONTINUA NA SÉTIMA PAGINA

Ela aí vai. A esmo. Nem uma tentativa de ordenação. Cada uma destas cartas é um argumento. Argumento irrefutável, porque feito de factos, porque feito de vida. O homem é espiritual.

Ainda que o nosso tempo esteja tão absorvido na matéria; se debruce tão insistentemente sobre ela procurando nela a grande fonte de energia — a verdade é que sempre, sempre a fonte de energia carecerá de uma explicação para além dela, que obriga o homem a procurar incessantemente. E o homem só repousará quando encontrar a Fonte, nem tanto da energia, porque Ele mesmo é a Energia, o Acto Puro, o Espírito Infinito: Deus.

O homem é espiritual, sim. As suas aspirações, especificamente humanas, não têm medida, tal como o espírito. Tendem para o infinito. E só no Infinito se realizam.

O que tratado de Teologia, os nossos leitores não escrevem hoje neste famoso jornal!

ANSIEDADE DO MELHOR

«Peço imensa desculpa de só hoje responder à carta de V. Aqui infelizmente não é a Casa do Gaiato. Vive-se mais de burocracias do que de coração. Imagine V. que para expulsar o rapaz não tiveram a mínima relutância, nem tiveram o cuidado e o esculpulo que tiveram agora com a cédula. Queriam à viva força que a Casa do Gaiato officiasse para cá a pedir a cédula, porque uma carta particular não servia. Têm mais cuidado com um papel do que com uma alma.

Enfim... Revoltada, depois de prègar no deserto, resolvi tirar nova cédula por minha conta e mandá-la com muito gosto. E digo com muito gosto porque fiquei encantada por saber o Rapaz nessa casa. Tenho a certeza que aí conseguirá o que aqui nunca conseguiu. Quem me dera poder transformar isto! Impossível. São Mesas Administrativas feitas por senhores muito vaidosos por mandarem nalgum, sem viverem os problemas dos rapazes nem verem mais nada que não seja papeis, burocracias, etc.

Com imenso sacrifício fiz um Lar para receber os rapazes que têm 18 anos e saíam, antes, para a rua, sem aptidões para a vida e iam quase todos acabar à cadeia.

Tenho salvado tantos! Pois pasme meu Padre! A nova Mesa, feita de senhores que se dizem católicos, quer acabar com o Lar, porque dizem que é um Asilo dentro de outro Asilo. É uma luta tremenda e eu nada posso porque não tenho quem me ajude. Sou eu só a lutar. Sofro, choro e rezo. Mas no dia em que o Lar acabe, sairei daqui para não voltar.

A minha vida cheia de lutas tira-me disposição para tudo. Agradecia o favor de me dizer como se porta por aí o nosso Rapaz. Bem concerteza. Essa casa faz milagres. É única. Quem me dera poder trabalhar numa das casas do saudoso Pai Américo!

Aí vale a pena. Há caridade cristã e amor.

— Porque é que não vem?!

INQUIETAÇÃO DE JUSTIÇA

«Vão os meus cumprimentos e desejo de prosperidades para essa grande Obra divinamente lembrada ao saudoso

«Pai Américo», que continua a viver e a falar-nos pela sua Obra Imortal.

A propósito: No «Gaiato», famoso paladino da moral social e o prègador «importuno e oportuno» a clamar à consciência dos responsáveis, não deixem de uma e mais vezes tocar o seguinte:

Em Lisboa as casinhas e quartos a alugar a famílias pobres, operários, etc. são alugadas com a condição de não ter filhos!, ou somente um (os senhores menos esquisitos). E mal têm filhos, essas famílias, ou têm de os «desterrar» para a província, para casa das mães ou sogras, ou, quando não, fazem-lhes uma guerra tal (os senhores) que os põem fora.

Até nos jornais, por exemplo, se vêem anúncios deste género — «aluga-se quarto (ou casa) para casais sem filhos!!!» Isto, portanto, já é público. Não esqueçam: façam representar isto à Nação.

BENÇÃO

«Entre tantos jornais que tenho é o único que lêo todo e muitas vezes tenho feito meditação sobre ele. É o único que as suas notícias não deixam sempre de ser actuais.

Continuai sempre assim. E que a graça do Senhor e a benção de Pai Américo seja sempre convosco».

ULTRAPASSAR-SE—EIS A SATISFAÇÃO DO HOMEM

«Saúde e a Benção de Deus, são os votos sinceros dos assinantes que hoje vêm desobrigar-se, enviando o custo da assinatura do «FAMOSO».

Esta cobrança vai já um pouco atrasada, porque é colectiva, e por esta razão atrasou mais, mas o Famoso não atraza, vem sempre a tempo e horas para alimentar a nossa mentalidade, e o nosso espírito reavive cada vez que se lê qualquer dos seus artigos. É ele o portador da palavra de Deus, alimento espiritual (nem só de pão vive o homem).

A nossa oferta é um nada, em comparação ao valor que recebemos, que não se paga com dinheiro, mas com moeda igual à que recebemos «Amor», porque muito amamos a Obra, porque é de Deus.

Pouco representa a nossa oferta, mas é mais+ e este sinal

é a cruz que nos acompanha em todos os momentos da nossa vida: mais cristãos, mais caridade, mais amor, mais em tudo que fôr para bem da humanidade e para glória de Deus».

DESEJAR PARA OS OUTROS COMO PARA NÓS MESMOS — É REGRA CRISTÃ

«Formulo um único voto: que no decorrer deste ano, o maior mensageiro de vossa Casa consiga tocar no coração de todos, como a mim tocou e manchou! Mancha abençoada que nos consegue mudar de cor: fica-se ruborizado por tão pouco se pensar em quem tanto necessita de um momento de atenção! Pois, então, que todos dediquem esse momento, ao menos, uma vez por ano, quando ao pagarem a assinatura de «O Gaiato», verificarem, como eu, que nada se paga com mais vontade! Porquê? Só nas linhas de «O Famoso» se encontrará a resposta».

DESABAFO

«Junto a esta envio x para a assinatura do nosso jornal «O Gaiato». Chamo-lhe nosso, porque ele é de nós todos, porque nele temos um verdadeiro Evangelho. Quantas lágrimas não tenho eu chorado ao lê-lo... Eu que sou viúva e com três filhinhos menores, sinto em mim a desgraça de tanta mãe nas minhas circunstâncias. Nunca me esquecerei das palavras bondosas do nosso querido Pai Américo: «Dêem-se os filhos às mães». Sim, eles para nós, mães viúvas, são tudo o que temos de melhor, e era bom que toda a gente compreendesse o sacrifício da mulher viúva, mas infelizmente não há compreensão, ainda agora se passou um caso comigo. Sou operária (ou funcionária), como lhe chamam com a nova Legislação Ultramarina, e descontam-me 900\$ mensais, isto é, tiraram-me o abono de família. O que é 2.100\$00 em África para 4 pessoas? Nosso Senhor tenha dó de nós e se compadeça de nós pobres pecadores».

O ÓBULO DA VIÚVA

«Junto segue um vale de correio de cem escudos para pagar o jornal. Sou viúva do assinante 9.737. Já devo ter o jornal muito atrasado pois era o meu marido que pagava e eu não sei quando ele teria pago pela última vez. Primeiro com a preocupação da doença de meu marido depois com o desgosto da sua morte e com a falta de dinheiro fui deixando passar o tempo. Agora tirei

Colaboração dos LEITORES

esses cem escudos do meu primeiro ordenado pois empreguei-me agora pela primeira vez para poder criar as três filhinhas que tenho. Peço que continuem a mandar o jornal que agora tencio pôr numa caixinha 1\$00 cada vez que receber o jornal; assim não custa tanto e não deixarei atrazar. Tenho muita pena de não poder ajudar essa tão linda Obra mas estou certa que Deus nunca lhes faltará com todo o auxílio que for necessário. Lá estará sempre o querido Pai Américo a pedir a Deus pelos seus Gaiatos.

Se não é pedir muito peço a um Gaiato uma oraçãozinha por alma de meu marido e para que Deus me ajude a criar e principalmente formar as minhas queridas filhas para que sejam boas e caridosas.

Que Deus proteja sempre essa tão linda Obra de rapazes para rapazes pelos rapazes. Vossa amiga, Maria».

NA PROTECÇÃO EFICAZ À FAMÍLIA ESTÁ A CHAVE DA MAIORIA DOS PROBLEMAS SOCIAIS

«Sou um fervoroso e incondicional adepto da Obra da Rua, do Património dos Pobres e do Calvário.

«O Gaiato», o primeiro jornal de Portugal, teve o condão de pôr a descoberto as misérias morais e físicas de muitos dos nossos irmãos e chamar para eles a atenção dos poderes públicos e dos «bem instalados na vida».

Para socorrer os que precisam temos de um lado a caridade que, imbuida de espírito cristão, só pode desenvolver-se e progredir à sombra da Igreja; no polo oposto a assistência a cargo do Estado.

Entendemos que nas Sociedades organizadas o primeiro direito do homem é o trabalho de acordo com as suas aptidões e que direito é igualmente um indiscutível dever de todo o ser humano. A caridade e a assistência começam onde acaba o trabalho e a possibilidade de o realizar. Sempre que a vida de Família se encontra bem organizada, o trabalho assegurado e o salário justo do chefe de Família, as crianças e os velhos têm assegurada a sua subsistência sem necessidade de recorrer quer à caridade, quer à assistência.

Todos nós sabemos que o Estado gasta somas astronómicas com a assistência e que esta está muito longe de satisfazer as necessidades do País. A protecção da Família

diminui o número de necessitados e aumenta as possibilidades assistenciais.

Dentro dos muitos métodos de que se pode lançar mão para a protecção da Família queremos hoje apenas referirmo-nos à velha e muito debatida questão dos filhos ilegítimos.

Se é indiscutível que os Pais têm obrigação de cuidar dos filhos, porque se abre uma excepção para os filhos ilegítimos?

Porque não hão-de os Pais ilegítimos pagar o sustento e educação dos seus filhos? Perguntar-me-ão como? O problema parece-me de solução não muito difícil.

Bastava que mediante legislação adequada, no acto do registo dos filhos incógnitos — fosse instaurado processo de investigação de paternidade ilegítima e, se sanções não fossem de aplicar, ao menos que se obrigassem os respeitáveis e incógnitos papás a cumprir um dever que à luz da moral e do direito natural ninguém ousará contestar: pagar o sustento e a educação dos seus filhos.

Dir-me-ão que o que acabo de expôr é difícil. Acredito! O que restaria neste caso da respeitável reputação de muitos, incluindo alguns grandes e piadosos senhores!!!

Se o Estado faz assistência, que não prive dela a mulher e a criança nos períodos mais críticos da sua vida».

AMIZADE QUER DIZER CONFIANÇA

«Quantas vezes o vosso jornal me tem servido de bálsamo e de incentivo!... Nunca deixo de o ler de ponta a ponta, ele é a expressão da Verdade, dessa Verdade a que muitos fecham os olhos para mais comodamente poderem viver o seu egoísmo.

Gostaria de vos enviar muito mais mas, além de não ter muito, também o quero dividir por cá. Neste Alentejo, celeiro de Portugal, também há miséria, porque, se muito o dinheiro, muito o egoísmo.

Se houver um batatinha que ande a aprender a rezar, que repita, uma vez, a Avé-Maria por mim.

Para todos vós uma saudação amiga».

SENHORI! VÓS BEM SAIBIS QUE NÃO SOMOS DIGNOS

«Como o timbre faz ver eu sou farmacêutico. O que põem o timbre não indica é que

CONTINUA NA OITAVA PAGINA

Férias forçadas em Ordins

Não sei se alguém me lerá e repartirá com Ordins do que o Senhor lhe deu. Carção escreveu-me, um dia, dizendo que muito me queixava. Talvez mais alguém pense o mesmo. Mas os doentes queixam-se, quando não podem suportar as dores... Ora as minhas dores são que há em Ordins problemas importantes de ordem social a resolver, que, sozinho, me é impossível enfrentá-los. Os artesanatos de chales nasceram para combater a miséria moral e material nesta terra. Em 1957 distribuíram pelas suas tecedeiras 33.113\$60. No ano transacto, apenas, 14.662\$60. Houve, pois, como se verifica, uma quebra importante na procura dos chales de Ordins. Daí as minhas dores. Daí os meus queixumes. Contava com os artesanatos como ponto de partida para uma grande revolução moral

e material neste meio, onde tem havido tantos ilegítimos e 50 por cento das famílias não têm casa própria e onde as casas dos Pobres, muitas delas, têm, apenas, duas divisões, a cozinha e a sala. Disse **casas**. Pudera ter escrito casebres, cobertos de palha, por cujas paredes, feitas de pedras sobrepostas e não argamassadas, passa e repassa o vento, à vontade.

Conto este ano reformar algumas casas. Transformá-las em habitações humanas. Não sei, ainda, onde buscar os fundos necessários. Contava, sim, com os artesanatos como ajuda. Mas se as tecedeiras continuarem sem trabalho? Se os 100.000 leitores do **Famoso** me quiserem oferecer suas sugestões, ficar-lhes-ei grato.

As senhoras tecedeiras estão de férias. Férias forçadas em Ordins.

Padre Aires

A Procissão, hoje, abre com um grupo recente, há tempos sugerido, mas que não tivera ainda tão larga concorrência como esta. Logo na primeira fila «Um velho amigo da Obra» pede a palavra para um amoroso protesto:

«Uma sugestão», do n.º 386 de «O Gaiato», quanto ao aumento dos vencimentos não traz eco no n.º 387.

Porque o não encontrou nos «aumentados»? Não creio. Certamente porque os outros, como eu, se descuideram de marcar presença.

Mas ainda é tempo: o n.º 388 deve sair exactamente quando o aumento está a deslizar do cofre do Estado para os bolsos dos funcionários. Presente, pois!

Sou daqueles para quem o aumento é numericamente maior. Preciso dele. Mas preciso há tanto, que também agora posso passar mais um mês só com metade. Quinientos escudos estão às ordens.

As minhas dificuldades devem ser as do maior número.

Vamos a isso, irmãos — metade do aumento: é mais meio mês de sacrifício — bem em-



pregado, porque em casas para quem não tem casa».

Seguem as assinantes n.º 1828 e n.º 8807, de Lisboa e o Afonso, da Feira e 50\$ de Coimbra e 300\$ de Lisboa. O mesmo da Rachel. Não sei de onde nem de quem este «acabo de receber esse primeiro aumento e embora modesto, apresso-me a enviar os 100\$ acompanhados do desejo de que todos os funcionários entreguem a sua oferta o mais rapidamente possível».

E esta heroína:

«Como sou funcionária pública tive agora de aumento de ordenado 370\$00 por mês e, se tenho vivido sem o aumento, porque não o hei-de dar mensalmente até perfazer a quantia necessária para uma das casas do Património dos Pobres?»

Assim, com meu Marido resolvi, e aí vai a 1.ª prestação, a de Janeiro, para a casa que eu gostaria se chamasse de «Ana e João». Esta quantia será depositada no «Espelho da Moda» todos os meses.

Senhor Padre: peço que nas suas orações nos recomende ao Senhor.

Agradeço a Deus a alegria que me dá de poder contribuir para o bem dos meus semelhantes. Assinante n.º 5498».

Eu não tiro, nem ponho, nem acrescento. Cada um que demore aqui o tempo que quiser e, mexendo os lábios ou sem murmúrio, reze.

E este grupo fecha, com a presença tão linda de um assinante do Porto:

«Sou um funcionário modesto, que tem, como é natural, as suas responsabilidades de família e sérias dificuldades a vencer, por motivo de ter construído a sua casinha. Mas, como fui bafejado com um au-

S. Pedro - Madeira: As Vicentinas, meu Pároco, não esqueceram um pormenor — até o chuveiro! Cada família tem o seu. Dantes, como era?!...

mento de 400\$, quero que Deus me aceite esta primeira importância do aumento, para o Património dos Pobres, para ajudar a levantar mais um lar, para qualquer família pobre e que o não pode construir. Se todos os funcionários tivessem fé na ajuda de Deus, enviariam todos o seu primeiro aumento. Deus os ilumine. Assinante, 12.159».

E já se apresenta o grupo das casas completas.

Duas presenças.

Uma é «a Casa Pai Américo», vinda da Beira e que se deseja em Viseu, o que vamos diligenciar mas não podemos garantir. No entanto, bem compreendemos a intenção e até a sua nobreza:

«Depois de bastantes anos de intenso e honesto trabalho de meu marido, concluímos em Viseu uma casa que nos assegura amplamente o nosso futuro. Por isso temos grande satisfação que na nossa terra e perto de nós, uma família possa sentir a mesma alegria que nós agora sentimos — ter uma casa nossa».

O outro deste grupo, eu bem gostava de o conhecer. Mas ele bate à porta do Lar, entrega a carta a quem lha abre e desaparece. Não assina. Por nada se identifica. Eu só lhe conheço a letra. E todos lhe conhecemos o coração. Ora oíçam:

«É agradecer a DEUS por assim o ter permitido na Sua extrema bondade para comigo, que junto envio mais uma «conta» para o «Rosário de Casas» que muito desejo vir a completar um dia, possa ele ser próximo, a bem dos Pobres, que infelizmente ainda tantos são os que não têm um lar condigno, apesar de quanto por eles tem feito o Património.

Como nos anos anteriores a Casa será construída onde mais se sinta a sua falta.

Que DEUS o abençoe e a Sua Santa Cruzada a favor dos humildes, chama viva a alimentar em nossos co-

CONTINUA NA SÉTIMA PÁGINA

PATRIMÓNIO DOS POBRES

UM PÁROCO QUE É VERDADEIRO PAI

«Foi bonita a festa. Variei o programa para manter o interesse. Fiz no salão a entrega da chave ao Presidente da Junta para este Senhor a entregar à família pobre. A Igreja pertence dizer como se abre a porta do Bem e da Verdade, e ao Povo, representado pelo Presidente da Junta, pertence abrir ou fechar. Coisas de que me lembro...»

Foi tudo muito engraçado. Mas o número mais interessante foi o ofertório. Convidei toda a gente a passar pelo palco a oferecer coisas para os Pobres. Todos tinham de oferecer qualquer coisa, nem que não fosse senão um aperto de mão.

Assim foi:—todos a cumprimentaram e as mulheres e crianças beijaram-na. A pobrezinha apanhou tantos beijos e alguns tão ferozes e sófregos que esteve em riscos de ser comida.

Não pude deixar de lembrar o saudoso Pai Américo e a Obra da Rua e tenho a certeza de que há aqui quem reze por Ela. Com muitos cumprimentos e estes de prosperidades no Senhor».

UM PAI QUE SUBLIMA A PATERNIDADE NO AMOR

«Sou um simples desenhador de construção civil que tem muitas graças a dar a Deus pelos dotes que me deu e por me ter dado qualidades

pelos Leitores

de trabalho, grande riqueza na vida. O meu mundo é o trabalho agarrado a um estirador desde que me levanto ao deitar. Não me lamento. Deus tem-me ajudado muito, embora não o mereça.

Agora falemos sobre a casa «Seja o que Deus quiser». Há lapso sim senhor, nem admira numa Obra tão grandiosa em que predomina o anonimato e em que o único tribunal de contas é o de Deus. Peço que não pensem que exijo explicação para mostrar ao mundo que sou generoso. Se perguntei foi única e simplesmente para me recolher e meditar consolando-me. É difícil explicar-lhe: é como que está presente no local onde está um pedaço de mim mesmo; é como que pertencer à família que nela for habitar; é como que gozar a felicidade que os ditos habitantes irão disfrutar, felicidade a que todos temos direito e muito poucos o conseguem; é libertarmo-nos do egoísmo de que o mundo anda cheio; é não sei que mais que sinto e não sei explicar. Ocorre-me agora também que a melhor educação para os filhos são os exemplos dos pais e quem sabe se para que meus filhos sigam o caminho da virtude terei que provar-lhes que o pai, apesar de nada ter, conseguiu desprender-se do produto do seu trabalho para que um seu semelhante menos afortunado pudesse viver humanamente...

Ninguém sabe, ninguém saberá, mas fará bem a meus fi-

lhos se o souberem, e se eu o souber dizer».

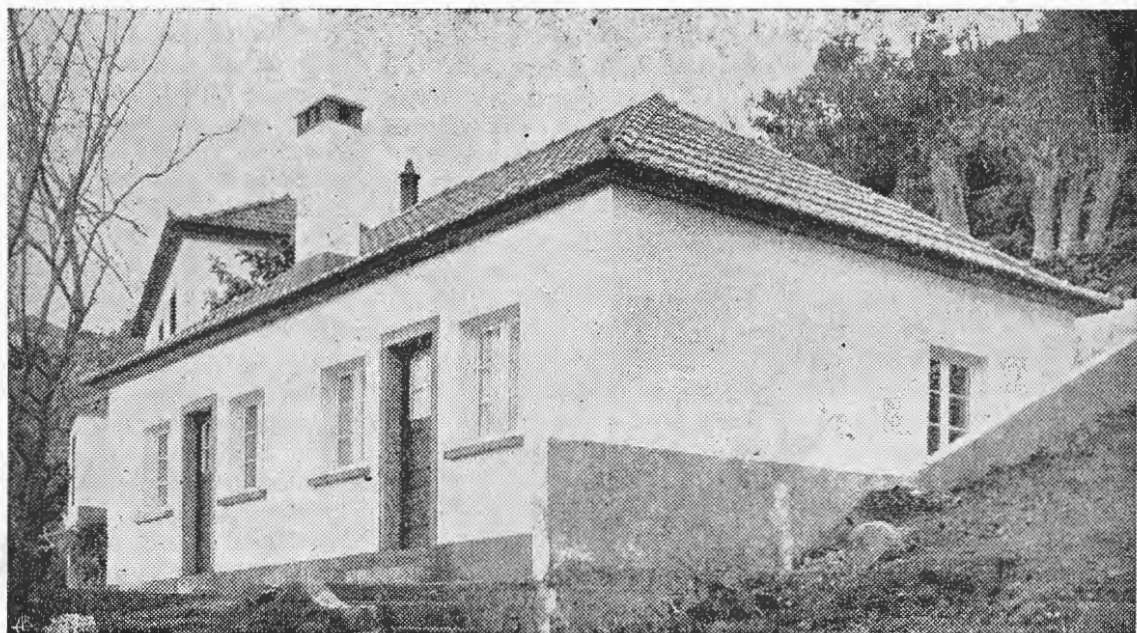
UM ENGENHEIRO QUE REDIME A TÉCNICA PELA CARIDADE

«Se me o permite, aproveito a oportunidade para dizer que sou engenheiro e faço parte duma empresa de construções.

Alvitrámos ainda em vida do saudoso Padre Américo — e a isso fez referência «O Gaiato» — que os empreiteiros que tivessem obras de certo vulto na província, procurassem com os materiais que sempre sobram no fim e com mais alguma coisa, construírem uma casa para o Património, conseguindo-se assim aumentar consideravelmente o número de casas.

Seguindo este princípio, informo-o (em nome da empresa)

CONTINUA NA QUINTA PÁGINA



BELEM

«Uma casa de família para as sem família».



A Sãozita é a mais pequena das quatro fundadoras.

A Sãozita tem apenas cinco anos. Veio de Braga. Quando chegou não dizia palavra e demorou muito tempo até que se resolvesse a falar.

O que valeu foi vir acompanhada de cédula pessoal e do inquérito assistencial da Creche de Braga, onde esteve internada. Da cédula consta o nome do pai e da mãe, mas no inquérito diz-se que é filha de pai incógnito. Dum dos tais pais incógnitos que toda a gente deve conhecer, concluo eu. No inquérito aparece como membro duma família de seis pessoas cujo chefe é o avô materno. Uma família

de doentes pulmonares. Os avós, a mãe e um primo já morreram. Um tio foi internado num sanatório e a Sãozita ficou só no mundo.

Agora já fala pelos cotovelos e canta, canta, que é um regalo ouvi-la. Ela mais a Deolinda, quando tratam de limpar a loiça ou pôr a mesa, formam um dueto bem afinado, porque ambas têm bom ouvido.

Há tempos, eu andava a tirar as medidas dum compartimento da casa e ela, enquanto acompanhava o deslizar do metro ao longo da parede perguntava: «Minha mãe, pra qui é isso?» Eu dava a explicação que me parecia mais simples para a sua idade, mas ela não me deixava acabar e repetia: «Minha mãe, pra qui é isso?». Depois de ouvir várias vezes a pergunta, voltei-me para ela e vi que os olhinhos pequenos e redondos brilhavam de amor. Num relance compreendi! A criança, afinal, não interessava muito saber o porquê daquele trabalho. O que lhe dava gosto era dizer muitas vezes *minha mãe* e ouvir a resposta *minha filha*...

Em Belém anda grande azáma. Trata-se de tudo preparar para que a casa possa ficar cheia de meninas, pela Páscoa. E sabem os leitores o que nos está a fazer muita falta?... Uma máquina de costura!

Inês

Então ainda não escreveste nada para este número de aniversário?

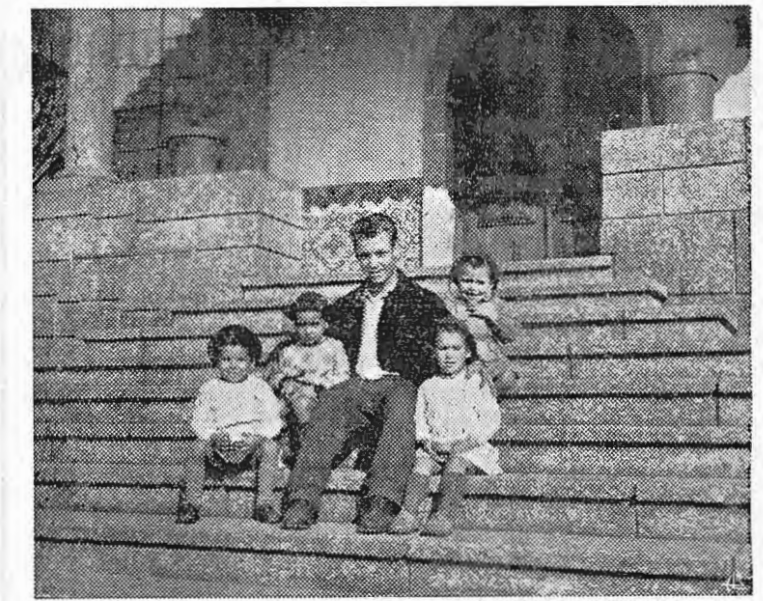
Eu tinha-me aproximado da mesa aonde o Sr. Padre Carlos jantava com o Sr. Padre Manuel. Foi aquela a interrogação que ouvi. Não era um pedido, era antes um chamamento à realidade. Os nossos Padres são sempre e em tudo os mais sobrecarregados. Nós poucas vezes nos lembramos que temos obrigação de fazer alguma coisa. Daí a

Notas

de Aniversário

justa interrogação do Sr. P.e Carlos. E vamos a isto.

À hora em que todos descansavam, Fabião trabalhava na Tipografia. Tinha como companheiro de trabalho a «Intertype». Pergunto e soube que era de 8 páginas este número de aniversário que sai para a rua no dia 7 de Março. Eis a razão porque, àquela hora, o Fabião ainda se encontrava a trabalhar junto da máquina de compor.



O Pai é quem dá o pão. Que séria Doutrina não ensinam ao Mundo os nossos «benjamins», chamando Pai ao «Russo», o nosso cozinheiro!

Neste número de aniversário não podia faltar nestas colunas do «Melhor do Mundo» uma notícia ilustrada dos nossos benjamins. Eles aqui estão. O «Laranjinha», o Rogério, o Renato irmão do Rogério e o «Quim Pançudo». No meio deles, o «Russo» cozinheiro, a quem eles chamam simplesmente «Pai»!... Souberam escolher. Não haja dúvida. Um cozinheiro é um homem poderoso.

Dizer-vos, caros leitores, os bons momentos que com

eles passamos, não é muito fácil. Eles têm o condão de transformar as nossas tristezas (porque as temos), em alegrias radiantes. Todos lhes querem pegar. O «Laranjinha» é o mais alegre. Ele canta muitas coisas que aprendeu na terra dele e algumas que já cá aprendeu, entre elas «Olha o Gaiato» cujo sucesso no Coliseu do Porto foi retumbante. Pois ele já a sabe quase toda e tem apenas 3 anos. Outra particularidade do «Laranjinha» está em procurar a toda a hora e momento o Carlitos. Porquê? Porque ele é quem guia a furgoneta e leva-o algumas vezes a passear. Sem dúvida que vieram dar muita alegria à nossa Casa de Paço de Sousa estes irmãos mais pequeninos. Se os nossos amigos leitores quiserem vê-los de perto, venham por aí abaixo. Não é preciso perguntar. Eles enchem a Nossa Aldeia. E encherão também o vosso coração.

Quem me dera a mim poder reproduzir aqui nestas colunas de «O Gaiato», a beleza da nossa mata neste princípio de Primavera, tão belo. São as mimosas. Um mundo cheio de poesia. É pena que os nossos poetas não tenham ainda dedicado um poema em homenagem ao despontar da Primavera. Nós temos-os cá em Paço de Sousa. Mas nem por isso os amantes das belezas da natureza, que Deus com tanto carinho e sabedoria criou, deixam de, na hora do seu recreio, ir admirar o belo panorama. E tu, caro leitor, quando vieres ver o «Laranjinha», o Rogério, o Renato e o «Quim Pançudo», desvia um pouco o teu olhar para a nossa mata e verás que é verdade. Verás ainda quão maravilhosa e bela é a nossa Obra. Depois comunica ao teu amigo o que viste e sentiste na Casa do Gaiato. Ele também virá e atrás dele virão outros e assim a Nossa Obra será cada vez maior.

P. S.: — Desculpa, amigo leitor, mas venho dizer-te que quando este número estiver nas tuas mãos, dia 7 de Março, eu faço anos.

Cândido Pereira

SETUBAL

«O Gaiato» diz da Vida da Obra da Rua.

Durante largos anos mostra aos homens a grandeza d'alma e a profundidade de vida do seu Fundador. Agora não. A vida daquele passou para outro plano. «O Gaiato» fala da Vida da sua Obra.

Padre Carlos escreve-me e recomenda: — Olha o próximo jornal que é do aniversário. Mas, que hei-de escrever? Como responderei a um dever que me é exigido pelo Superior e por tantos milhares de leitores? Como? — Tendo o diário da nossa vida. Eis:

Sábado, à noite, a Polícia telefona: — Um guarda encontrou trinta jornais dos vossos. A nossa resposta foi agradecer, afirmando que concertemente seriam perdidos por algum vendedor. Que os rapazes são sérios, honrados, leais. E não mentimos. Disso estamos convencidos e damos testemunho. Eles não têm, às vezes, é a força eficaz para fugir às ocasiões ou vencer os perigos.

Em nossa alma entrou a perturbação. Estas coisas perturbam-nos. É bom que seja assim. Sem perturbação nascida do amor não pode haver educação. Um deles (foi o que concluímos) teria escondido os jornais para se apresentar como o melhor vendedor, ponde

a gorgeta na conta dos escondidos.

São onze os vendedores. Só dois eu não confio tranquilamente responsabilidades. Dos dois tinha de ser um. Chamo os onze ao escritório para darem contas e no fim pergunto: — Quem escondeu, hoje, os «Gaiatos»? Ninguém se acusa. Repito. Torno a repetir. Pergunto com violência. — Ninguém.

Ponho a moralidade da acção, sempre pelo lado positivo. Elogio a verdade e os seus amigos. Falo da nobreza que é a gente confessar as nossas faltas, por lealdade. Faço sobressair que está em jogo a honra e a dignidade de cada rapaz. Que é preciso sacrificar tudo por aqueles valores. E nada.

Interrogo cada um de per si fixando um olhar penetrante nos olhos do réu para o comprometer. — O mesmo resultado.

Eu já sabia quem tinha sido. Só desejava que o culpado confessasse. Faz-lhe bem; mais que tudo. Que ele confesse a sua falta e reconheça objectivamente a responsabilidade que assumiu ao praticá-la, embora sem reflexão.

Insisto e emprego a violência.

— Vá buscar uma faca e mate-me que não fui eu.

Quis saber a opinião dos outros oito que tinham a certeza de que a acção se devia atribuir àquele sobre o qual caíam as desconfianças: Dois duvidaram; o réu culpou outro.

A questão agravava-se cada vez mais. Uma hora havia já passado.

Afirmo que não castigarei. Mostro com toda a vivacidade quanto me doia a mentira — Sempre os mesmos três monossílabos: eu não fui.

Emprego de novo a violência. — Resultado idêntico. Tudo baldado? — Não Outros assistiam. Julgavam comigo. Eu afirmara-lhes que tinha a certeza da sua inocência. Que conhecia o quilate da sua honra. Que eles nunca me haviam mentido. E era bastante. Inverto os termos. Até aqui tinha eu batido. Agora o contrário. Ajoelho diante do rapaz e peço: — Agora bate tu até dizeres a verdade. Era o último recurso.

O meu filho tem alma, e nem todos os nobres sentimentos se apagaram nele. Atira-se ao chão e, em rios de lágrimas, confessa diante de todos que mentira. Eu menti. Eu menti. Agarra-se a mim a pedir um forte castigo, uma grande tarefa. Os outros também choravam. Eu chorava e ria, ao mesmo tempo. Tinha sido

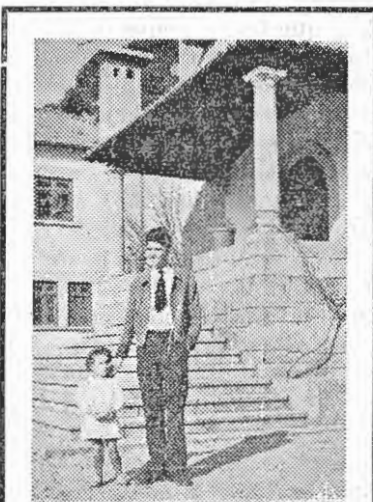
uma vitória. Uma vitória que o rapaz conseguira, embora esforçadamente, mas espontânea, sobre si próprio.

A partida teve origem no brio. O rapaz é brioso. O não dizer nascia na mesma fonte. Fonte de água limpa turvada nas encruzilhadas que a rua lhe meteu na alma. Fonte que é necessário enriquecer. Encruzilhadas à espera de direcção. É por isso que temos de sofrer. É por isso que devemos ser fortes e ajoelharmos, se for preciso, a pedir que nos deixem endireitar-lhes o espírito. O amor à verdade é o alicerce do homem.

Todos ganhamos. Todos.

Eu não castiguei. O maior castigo infligi-o ele a si mesmo. Aquelas duas horas (tanto o tempo do tribunal) foram o maior castigo.

Padre Acílio



Os homens não se medem aos palmos: o mais pequeno e o mais alto cá da Aldeia.

TOJAL

— A 14 deste mês recebemos o nosso Presidente da República. A alegria apoderou-se inteiramente dos nossos corações. Não se ouvia a falar senão: — «Só o Tojal tem categoria para receber o Chefe do Estado».

Visitou todos os sectores da nossa vida. Se achou graça ou não, Deus sabe. Almoçou connosco. Que acontecimento de família! É Américo o seu nome... E lugar de Pai fazia. O seu rosto alegre e radiante, na mesa, enchia prodigiosamente o quadro com uma nota indiscutível de vida e de ventura. Isto levou-o a dirigir-nos umas palavras solicitando-nos ao amor do nosso Pai Américo.

Foi de coração rasgado de alegria que os Tojalenses cantaram ao nosso Chefe, um muito obrigado.

— O Anastácio já deu pela aproximação da Páscoa e pela saudade do paladar agradável das célebres amêndoas.

— Não te esqueças, disse ele.
— Não se esqueçam os leitores, dizemos nós.
— Não temos lenha para o fogão. E para comermos? Fica à custa dos leitores a resolução deste problema, porque sou pouco matemático.

— A nossa Conferência está a receber muito pouco. Os Senhores zangaram-se comigo. Não tenho culpa. Os Pobres também não.

Se soubessem quanto custa visitar os Pobres com mãos vazias e a eles nada receberem quando esperavam confiantes naquela hora!...

Um fica a meditar e mergulhado no seu destino, outro sai triste, sem coragem de lá voltar.

Quem dera que meditassem a sério nisto.

Zé do Porto

PAÇO DE SOUSA

VOZ DOS NOVOS. Continua na senda do progresso este jornalzinho dos gaiatos de todo o mundo, a quem temos dado parte da nossa vida. Com que alegria frisamos a simpatia com que é acolhido por todos! O amor que lhe dedicam. A chama que vai crescendo dentro de cada um e depois é impresso em letra de forma, para que os outros vejam e sintam também!

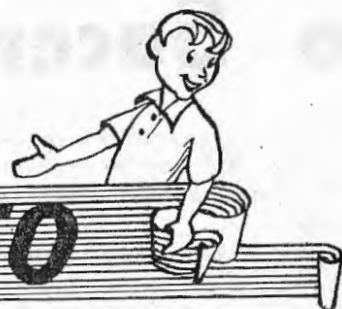
Este jornalzinho é um pequeno mundo dentro do mundo das Casas do Gaiato. Um pequeno págem que pretende levar as mensagens todas, por mais humildes, ao seu Rei! É um acto de comunidade. Que educa o querer. Diverte e instrue um pouquinho os espíritos e molda algumas almas. Viva, pois «A Voz dos Novos»!

CAMPANHA. Quem não quer colaborar nesta Campanha fraternal de Amor ao próximo? Venham mestres, artistas, doutores, governantes, pobres, ricos... Todos são precisos e têm lugar na Prociissão.

É preciso juntar todos para começar o sermão, onde se verá a multiplicação dos pães. E assim, 5 pães e dois peixes, dão de comer a cinco mil

pessoas! Quem não quer assistir? E haverá mais. E que coisas não serão! Apareçam todos a terreiro para o sol incidir mais insistentemente sobre nós, as estrelas mais belas, a na-

— Uma Snr.^a Alentejana lembrou-se de nós; mas eu muito gostava que a gravata chegasse, mas tiraram-na em Paço de Sousa, que aqui não chegou e.a. Alguns Amigos não têm medo e



PELAS CASAS DO GAIATO

tureza mais frutificante.

Por toda a parte onde houver portugueses, há corações bons. Onde estes, tem de haver na mesa para saborear, as colunas abertas e francas de «O Gaiato». Atenção, Amigo, ele vai bater-te à porta. Se não abrires, fazes mal. Há sempre lugar para mais um. E então quando é Amigo!...

Se não vierem para a rua, terão sempre o martelar: Não pára a Campanha dos cinquenta mil!

AMIGOS: Apesar de longe, a Senhora D. Geny Costa, do Brasil, está sempre juntinha à nossa Obra. Sempre que tem uma oportunidade, são as roupas, livros e muitas coisas mais. Tudo actual. Tudo com grande oportunidade. A Senhora D. Geny Costa está sempre pronta para todos os sacrificios e nós aqui para agradecer!

O Senhor Silva, está sempre na apertadela para passarmos lá por casa. O Senhor Padre Carlos prometeu lá ir e o Senhor Padre Manuel parece que também não quer perder a vez. E o Senhor Silva sempre satisfeito! Quando for oportunidade lá estaremos a bater ao ferrolho!

Feio

BEIRE

Caros leitores:

Venho dar-vos mais notícias desta nova casa que, por tão nova, não é quase conhecida dos nossos leitores.

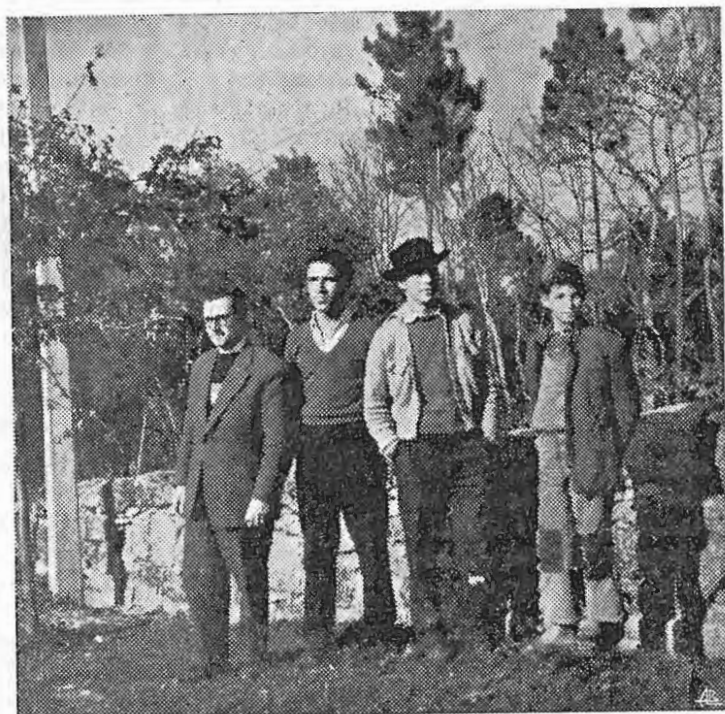
— O Barrigana que é o nosso mais «batata» adoeceu porque muito fraquinho e o frio pôde mais do que ele. «Eu tenho uma pinha nas costas», e não queria comer. Como a Senhora não lhe encontrou espinha nenhuma nas costas, ele explicava que era uma espinha de carne. Não aparecia espinha de carne nem de peixe, era uma pontada causada pelo frio. Esteve a penicilina e de cama 8 dias e lá se foi a «pinha». Agora não pode sair por falta de calçado. Não sabemos onde estão os Senhores industriais de S. João da Madeira, nem todos os amigos da Obra da Rua e dos Gaiatos. Com este frio estarão lá muito dentro de casa e não sabem o que se passa em Beire? É uma casa do nosso querido Pai Américo. Se querem ver a malta contente é saber que veio alguma encomenda no correio ou na estação. É uma festa, mas raro sucede isso. Tem medo de mandarem para cá? Não mandem para Paço de Sousa. Os Snr.s devotos do Calvário e daqui enviem para Casa do Gaiato de Beire — Paredes e fica o assunto resolvido.

mandaram directamente. São esses que vão fazendo o engrandecimento desta nova casa.

Os Senhores aprendam aonde é Beire se não estes Gaiatos andam toda a vida descalços. Quando alguns começam a chorar a Senhora resolve o assunto: «ide para a cama».

— Já recebemos mais uma colmeia de abelhas para o nosso apiário. Os Senhores leitores estão com gosto que a rapaziada comece a lamber o mel

go vai, porque ouço dizer *vai*. — Quero dizer: — este vai, depende dos nossos Amigos; e reparem outra vez no vai, — e verão que este verbo depende de outro, neste caso. Depende do verbo que, só, chega para ser-se feiz. Espero que não traiam a confiança que encerra o verbo. — A biblioteca é uma sala mais ou menos do século XVIII onde há lugar para uma estante do dito XVI ou XVII para ter livros de todos os séculos. Em resumo: apenas temos a sala e a disposi-



Eis os homens da Administração do Famoso. À direita, o «Esticadinho» é quem expede os quarenta e quatro mil e quinhentos jornais.

o mais depressa possível. Pois, assim, é que está bem. Já temos duas colmeias e a prensa e, o resto que nos falta são as próprias abelhas. Aqui vão os nossos agradecimentos aos apicultores.

Zéquita

LAR DO PORTO

Desculpem, caros leitores, mas ainda não foi desta, que o Snr. Padre Carlos conseguiu fazer a nova d'nastia de cronistas deste Lar. Se não estão certos, informo-vos de que esta é a dos «indolentes».

— Segundo os diários cá do palacete, a nossa biblioteca vai parecer-se com tudo que é do século XX. Eu di-

ção de vos agradecer o que falta: livros.

— Há dias houve matança cá em casa, e depois; linguas nos lábios. Um, que pensa que as chouriças se estão a estragar dependuradas na chaminé. A Senhora, a ver onde está o gato. Outro, que faz a planta da casa para localizar a salgadeira. Eu que ao entrar em casa desço à cozinha para confirmar se o cheiro é ou não das costeletas que..., e eu nada. O mais interessante é o outro do lado de lá do Tejo que me escreve a dizer que ouviu lá os gritos e que também quer ir no enterro. A verdade é que para ele ir no enterro, a Senhora foi na fita. Tudo isto consequências da morte benéfica.

— Queremos agradecer a todos os que praticam o bem no mundo e mais directamente a todos os que têm feito como a Padaria Primavera que nos tem oferecido várias remessas de pão, como fazem no Bolhão, que nos abastecem de legumes e frutas. A florista que nos põe o jardim em casa.

Para todos, os nossos sinceros agradecimentos.

José Gomes

Património dos Pobres

CONTINUAÇÃO DA 3.ª PÁGINA

que acabámos de construir mais uma casa em..., que entregamos à Conferência, juntamente com uma outra encomendada pela mesma Conferência. Têm estas casas, todas as condições de habitabilidade, possuindo água, esgotos e instalação eléctrica.

Para a sua construção, ofereceram algumas horas de trabalho os nossos operários, o que considero muito importante.

Era nossa intenção entregar ao Património a casa, mas, já que foi a Conferência que nos deu o terreno, foi a ela que entregamos as chaves... mas tudo feito — não há dúvida alguma — por intermédio da Obra do Património, que em boa hora foi lançada pelo querido Pai Américo».

Facetas de uma Vida

CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA

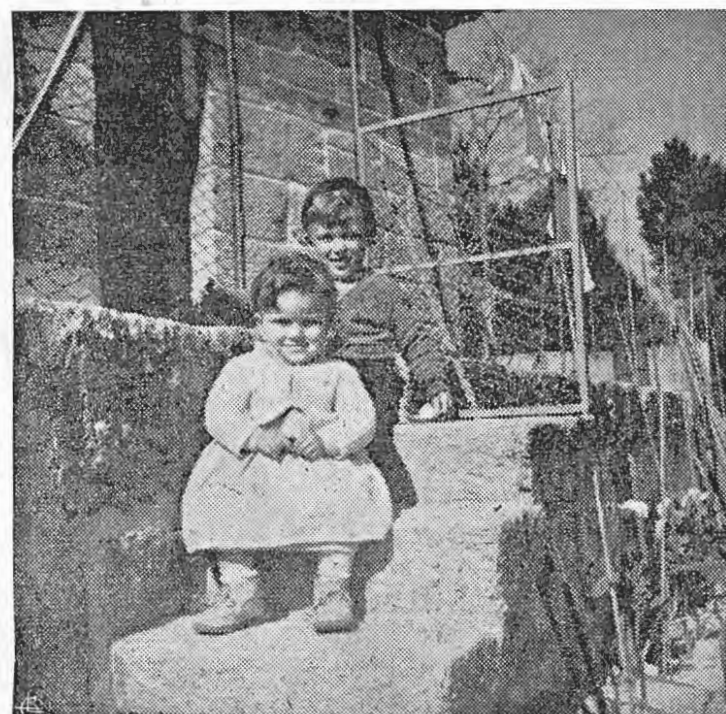
Gomes, ligado por afinidades de espírito.

Alguns não o consideravam e tinham-no como suspeito. A maior parte, porém, considerava-o um homem superior.

Além das palestras no Circulo de Estudos e dos artigos de «Lume Novo» não me consta que fizesse manifestação de escritos.

O mesmo Padre conclui com a referência a um aspecto de despreendimento, que foi até ao fim:

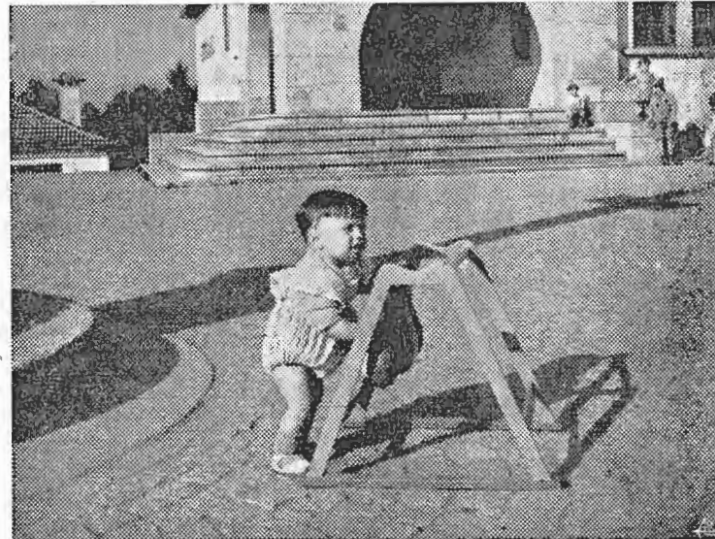
Pouco se lhe dava com o vestuário. Não era desleixo nem falta de educação, pois trazia outros hábitos do século; mas espírito de pobreza, pois dizia: «Os Pobres ainda têm menos».



Avelinito e Ana Maria.



Maria Filomena.



Américo Manuel.

NETOS DA OBRA DA RUA

São muitos, já. Estes são os de aqui de ao pé da porta, filhos dos três «continuadores»: Avelino, Manuel Pinto e Júlio Mendes.

Inquietação Sacerdotal

Seis testemunhos. Três seminaristas e três sacerdotes recentemente ordenados, cada qual de sua diocese, a dizer que o Espírito sopra aonde quer e a quem quer. E, mais ainda: que sopra em todo o lugar e a todo o homem que quer ouvir.

Que lindo título Pai Américo encontrou para gritos de alma como eles. Inquietação! Uma inquietação feita de confiança e de certeza nas promessas de Deus. Uma inquietação consciente de que ao padre se não pede mais do que a disponibilidade total para a glorificação de Deus e dilatação do Seu Reino. Porque depois, a disposição, a passagem da potência ao acto, isso já é mais com Deus que com o homem.

Inquietação! Que simples e completa bagagem! Que os futuros sacerdotes não sobrecarreguem com outras a sua partida do Seminário.

E depois, na vida pastoral, que não se prendam na acumulação de outras: Esta, humilde e apaixonadamente conservada, lhes bastará.

Guarda

«Venho muito agradecido dizer-lhe bem-haja pela sua resposta pronta à minha carta. Vamos trabalhar para que o Património dos Pobres de... seja uma realidade.

Agradeço também que me envie o «Gaiato». Sinto remorsos de não ser assinante há mais tempo.

Mas, a balança financeira anda afinada há poucos meses. Sou sacerdote de há pouco tempo, e ordenei-me com o dinheiro que as minhas irmãs ganharam numa fábrica.

Subscrevo-me irmão em Cristo-Jesus».

Porto

«Sou seminarista. Encontro-me no Seminário Maior frequentando o 3.º ano de Filosofia.

É por saber que o coração dos Padres da Rua não tem barreiras, que me atrevo a escrever a V. Rev.ª. Realmente, se na Rua da Rua há muito que me encanta, entre isso está precisamente esta universalidade que nos une na caridade. E, portanto, para mim, a confiança nos Padres da Rua preexiste a qualquer intimidade ou confiança.

Então Snr. Padre Carlos, eu desejo que V. Rev.ª me inscreva no número dos assinantes de «O Gaiato». É que tendo lido dele alguns números, pressenti o coração de alguém que morre para que o mundo viva. Snr. Padre Carlos permita-me esta confiança: o ideal de generosidade dos Padres da Rua é para mim a concretização mais perfeita do ideal Sacerdotal. Sim: ou tudo, ou nada!

Por tudo isto a voz de «O Gaiato» fala mais intimamente que só aos ouvidos.

Abençoe-me Snr. Padre Carlos, que eu peço a Pai Américo que do Céu continue a derramar copiosa chuva de graças sobre a «Obra da Rua».

Braga

«Hoje não está só: Como o trabalho me prende as mãos só posso escrever pouco, mas pensar, comunicar,

isso é de todos os momentos. Quando tirei umas fotografias aí, prometi mandá-las.

Aqui estão. Não sei de quem são, nem para quem são.

Um abraço».

Portalegre

«Continua a influenciar nitidamente a vida de muitos rapazes deste Seminário o nosso sempre ansiosamente esperado «Famoso».

As suas normas são um chamamento, os seus apelos são inquietantes (como é difícil a mediania para aqueles que têm a dita de ler e viver o nosso jornal)!

Fundámos aqui, uma Conferência de S. Vicente de Paulo.

A inconformação latente em muitos espíritos fascinados pelo amor à pobreza — o exemplo de Pai Américo arrebatou — foi uma das causas que nos levaram a fazermos-nos vicentinos.

Mas, Snr. Padre Carlos, continuamos insatisfeitos! Para mais e mais compreendermos, para mais e melhor apalparmos o que é a doação total e a renúncia completa de nós mesmos, 3 alunos deste Seminário desejavam passar algum tempo, nas próximas férias, numa das casas da nossa «Obra».

Ser-nos-á possível, concretizar o nosso desejo? Tojal ou Setúbal poder-nos-iam receber?

Custa-nos pedir uma resposta, pois, sabemos quanto o tempo é preciosíssimo para V. Rev.ª, mas o interesse no que solicitamos leva-nos a isso.

Digne-se V. Rev.ª abençoar seminarista amiéssimo».

Lamego

«Meu caro amigo: Escrevo-lhe de um cubículo que faz de escritório, cá neste pobre Presbitério.

Pobre, graças a Deus. Mais se assemelha à Casa de Nazaré. Mais se parece com a casa de muitos dos meus paroquianos.

Diante de mim está a carta que me enviou na Missa Nova. Ao lado direito a capa do livro «Pão dos Pobres» com o gaiatinho... Tudo a recordar. A impulsionar. O último

acto do dia de ontem foi a leitura espiritual. A gente nesta vida, às vezes, temos de deixar certos deveres para a noite. Serviu para leitura «O Gaiato». Continua bem vivo o espírito da Obra. Continua a aquecer.

Para não demorar mais em comentários participo-lhe uma grande nova: na próxima semana aparecerei por aí. Terça ou quarta-feira. Veremos as possibilidades. Estarei aí até quinta à tarde. Se porventura não estiver, paciência. Visitarei o que puder. E deixarei por escrito o que queria dizer. Contarei coisas da Paróquia. Receberei o impulso definitivo e a orientação precisa para a construção da 1.ª casa. Quando vejo que tanto se fez nas outras paróquias e sobretudo nas outras dioceses e olho para o meu povo logo me decido.

Nos dias em que aí celebrar (dois dias) as intenções serão as seguintes: 1.ª pela alma de Pai Américo; 2.ª pela Obra.

Não lhe conto mais nada por hoje. Oxalá seja possível o encontro.

Abraça-o no coração sacerdotal de Jesus o muito amigo».

Vila Real

«Apesar de ser a primeira vez que escrevo a V. Rev.ª tenho confiança de que serei atendido. Venho pedir-lhe socorro para duas famílias da minha aldeia desta diocese de Vila Real. Seguindo o conselho que o nosso Professor nos deu numa aula de Ascética e Mística, dirijo-me a V. Rev.ª esperando que resolva estes casos. Disse-nos ele: se nas vossas aldeias houver algumas famílias miseráveis, escrevam para a Casa do Gaiato que de lá lhes darão remédio. Esse remédio imploro-o para duas famílias da minha povoação. A mais miserável tem uma casa de um andar, pequena e muito estreita e com uma janela apenas — casa — que é ao mesmo tempo cozinha, sala de jantar, dormitório, gabinete secreto — lá arrumam as galinhas — sem divisão alguma. À entrada levanta-se uma grande fraga que vai com declive até ao meio. Nela habitam 3 pessoas e 4 crianças: — a dona da casa (viúva), um filho (já homem), uma filha mãe de 4 crianças naturais.

Quanto às camas para elas, há umas tábuas, amarradas à parede, palha e algumas mantas. A cama do rapaz é um banco.

Consta-me que no inverno, depois de tirarem a cinza, estendem na lareira uma manta e aí se deitam todos. O tecto está todo arrombadó, de maneira que quando chove não têm lugar onde se deitar.

Eis um dos casos para quem peço socorro».

Visado pela
Comissão de Censura

Da que nós necessitamos

As notícias que aqui damos são cheias de beleza. À frente, a nossa África que, como de costume, não deixa nunca de marcar presença. Bendito seja Deus que dá o remédio aos corações para que nunca se cansem de dar, mais ainda de se dar. «Cá estou a enviar o produto da promessa de minha mulher — 10% dos seus lucros». Não escapa nem um tostão. Ora vejam: «Novembro de 1958 — 262\$10; Dezembro de 1958 — 457\$20; Janeiro de 1959 — 133\$95». Não tira, acrescenta: — um cheque de 1.000\$. Se mais lucros, também dá mais; se menos, menos. Cinco notas de cem de Padrão da Légua. De Fuste uma carta aflita. Benditas as almas que se inquietam por fazer mais e melhor. Outro tanto no Lar do Porto. E da Conferência Feminina de Paços de Ferreira uma «pedrinha» no valor de 100\$. Uma Mãe aflita promete e dá metade do primeiro ordenado do filho. Não confiou nas suas forças e recorreu à Fonte da força. Foi atendida. 50\$ do mealheiro da «Senhora da Oliveira» e o dobro de M. J. Deixem passar o nosso Ribatejo escondido por detrás do anonimato de «uma Professora Primária». Traz consigo 500\$ — aumento de ordenado. De Vale da Figueira — os 70 do costume mais os 30 «para um dos vossos pobres mais necessitados». Os Pobres do Barredo, dos nossos barredos, não são esquecidos. Têm o seu lugar reservado num cantinho dos vossos corações. São 200\$, de Lisboa, para eles.

«Pela grande dor da perda de seu sempre chorado ente querido, 50\$ de Tomar». Dez vezes mais em acção de graças. Migalhinhas tão saborosas como os pedaços grandes: 20+20+a presença do Pessoal da Mobiloil com 53\$50. Tão habituados andamos a vê-los nesta coluna que a sua ausência não nos poderia passar despercebida. Os pedacinhos grandes também têm seu lugar: 900\$ de «Pobres de Cristo» +1.000\$ de visitantes da Avenida Camilo, do Porto. Outra vez o Porto com 170. De Oliveira de Azeméis vieram até nós e «ficámos com desejo de acrescentar mais alguma coisa ao pequenino óbulo então deixado — 100\$». Em véspera de viagem até Luanda e «pedindo a Deus que no-la conceda feliz enviamos 100\$». «Pedindo a bênção para nós e 6 filhinhos que Deus nos confiou» pagam a assinatura e o restante para os Pobres do Barredo.

«Meu nome não importa, sou uma funcionária que manda 100\$ — uma migalhinha do meu primeiro ordenado». E o mesmo de um casal nosso amigo. Restos de assinaturas pagas e notas de 50. O do costume para a viúva da «Nota da Quinzena» e outro tanto para «ajudar uma mãe a alimentar seu filho». 40 de «uma portuense» e metade da «mesma admiradora da Obra». Chorar

com os que choram, alegrar-se com os que se alegram é princípio de vida cristã. «Seguem 400\$, de um aumento de ordenado, para dar a outros menos afortunados um pouco da nossa felicidade». Pela mesma intenção e «com beijos para os batatinhas, os aumentos de vencimentos de duas irmãs — 546\$40».

Segue «uma pecadora» com 20. Em «O Comércio do Porto» 300\$. Uma carta, muito carinho e 220\$ de «3 G». Mais carinho de S. L. P. e 200\$. Mais ainda: «464\$50, correspondendo ao aumento que me coube pela última remodelação dos vencimentos». De dois professores oficiais residentes em Lourenço Marques — 100\$. Metade de «dois amargurados». Lenços da «Confiança» e 100\$ de «aumento de meu ordenado». Para os Pobres do «Barredo» a simpatia e 20\$ de «Maria Ninguém».

Padre Manuel António

ANIVERSÁRIO

CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA

possuir o Reino que te está preparado desde o princípio do mundo».

O homem nasceu para ser eterno e não perdeu de todo o gosto da Eternidade! Por isso a totalidade dos nossos leitores — multidão! — a responder por sua boca, que sim, que foi tocada pela Graça e aceita e agradece o toque, com todas as consequências, até ao derramar do sangue. E tudo isto por «O Gaiato»; porque cada leitor faz parte dele e ele é uma força viva e vivificante na vida de cada um.

Quinze anos apenas! Ainda desde há pouco adolescente!... Que Deus sopra sempre sobre nós na missão de conservar famoso o Famoso, que ela, em verdade, é mais divina do que humana.

UMA VISITA

CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAG.

foi, nem que foi rigorosamente a nossa refeição de todos os dias. Houve um sinalzinho de festa, que tocou a todos, como era digno e justo... Mas bem modesto ele foi.

No fim dissemos da nossa alegria por termos connosco, à maneira de um Pai, aquele que ocupa agora o primeiro lugar entre os portugueses. S. Ex.ª teve a bondade de dizer palavras de afecto e de estímulo aos nossos rapazes.

Nem sei se foi, conscientemente para as agradecer, que os «batatas» quiseram cantar uma canção das suas. Nós, aqui, as agradecemos. E, já agora, atrevemo-nos a esperar que as queira repetir aos rapazes do norte, quando houver uma oportunidade.

A G O R A

— CONTINUAÇÃO DA TERCEIRA PÁGINA —

rações o Amor de JESUS».

Logo em seguida passa o grupo da gente de trabalho. Pessoal da H. I. C. A. com 2.556\$40 e 2.433\$70. E a Administração, no fim de 1957, realizou o empate desse ano com o seu Pessoal, mediante a segunda bolada no montante de 12.525\$70.

Mais o Pessoal da Panificação com 191\$00 e 137\$50 do pessoal dos C. T. T. da Estação Central do Porto, E. C. C. 3. E os 20\$ do Manuel, da Corticeira, mai-los do que pcupa ao tabaco. Mais 5.970\$ dos Funcionários do Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Agora é a vez dos fieis sem lei periódica. Aparecem quando lhes calha, embora muitos deles sejam caras nossas conhecidas: Alda com seus 70\$. Porto com 100 e outra vez com quatro vezes mais da R. Egas Moniz. E 300\$ de uma Senhora que «já contribuiu com 4.800\$ e se Deus o permitir continuará». Cinquenta do assinante 13.025. O dobro «de quem gostava de ter a sua casa». O mesmo do assinante 10.348. E 20\$ da Avó de Moscavide. E 120\$ de «Noelista». Duzentos da Mariazinha, de Lourenço Marques. Mais 310\$ de um Engenheiro de Lisboa e as listas, (que os nove contos há muito vieram) da R. de Santa Catarina, daquele peditário começado ainda por Pai Américo.

Surgem agora vários com achegas para casas a que muitos concorrem. À frente, a «dos Professores Primários», 558\$40 — «o primeiro aumento de meu ordenado. O bom Deus me ajude também a possuir uma um dia». E 60\$ de Fíies da Feira. E 510\$10, com que «damos por encerrada a subscrição para a 3.ª casa».

Para a «Casa de Nossa Senhora de Lourdes», o 1.º mês de trabalho de 1959 — 755\$20 de uma Lourdes de Bragança, e 163\$70 «em cumprimento de promessas pela operação a que me sujeitei ter corrido bem».

Como quase sempre, terminam o desfile os das casas a prestações.

Assinante 28.562 com a 4.ª, de 100\$. O mesmo, de Lisboa, e «que Deus me ajude a levar ao fim uma casa». A Rosa, do Porto, com dois vales de 4.000\$ cada, acabou a sua casa. A 14.ª pedra da «Casa Avó Ema». A casa «do António e do Fernando» fica em 3.800\$00. Grão a grão...! O do «plano decenal» acabou um ano e começou outro. O mesmo o assinante 6.790. 4.500\$ para a Casa da Escola Comercial Patrício Prazeres. Mil para o 2.º Mistério do Rosário: Visitação. A mesma quantia, pela 3.ª vez e para a 2.ª casa, de M. M. — A. L. «A Casa de Nossa Senhora da Boa Nova» cresceu 200\$ e a Maria do Resgate mandou 500\$ e «se Deus me ajudar darei todos os anos a mesma quantia».

Ora aí vem gente conhecida, de quem há largos meses não tínhamos notícia. Que alegria!

Lembram-se da «Casa à minha Noiva»? Pois eles casaram. E o seu Lar, por muitos títulos bendito, é agora abençoado pela promessa de um filho. Daí a casa «Ao nosso Filho» que hoje começa com 4 mil.

Dois mil, de Janeiro e Fevereiro, para a «Casa por alma de um José»; e outro tanto para a 3.ª e 4.ª pedras do «Lar Carmo e Carlos», «por uma grande graça de que Deus nos não achou dignos de no-la conceder. Deus seja louvado!» Sim, Deus seja louvado pela Fé e pela aceitação da Sua vontade, que ele frutifica tão exuberantemente nestas almas!

Mais esta carta:

«De entre tanta correspondência dirigida regularmente à Casa do Gaiato, não notou, por certo, V. Rev.ª a falta, por minha parte, do cumprimento do dever que a mim própria impuz de enviar mensalmente, até que Deus o permita, 100\$, para a Família que habitar a Casa «Ouvi-me Senhor».

Quis Deus chamar meu marido, à Sua Divina Presença no dia 28 de Outubro último, sem que nada me fizesse prever tão duro golpe tão grande perda. Só Deus sabe porque foi; só Deus dispõe das nossas vidas. É triste e muito dolorosa a minha amargura».

E mais esta:

«Envio a 1.ª prestação da casa que tencio oferecer ao Património dos Pobres por alma de meus pais..., a construir em S. Martinho do Campo — Valongo ou Folgosa da Maia. Se Deus me der vida e saúde mando todos os meses 500\$ e 10\$ para os cigarros do velhinho do Calvário».

Como já dissemos, tentaremos sim, mas prometer que será naquelas terras, isso não podemos.

E um leitor que, «segundo o exemplo de outros, com os seus planos decenais...» enfileira com 1.200\$ de uma assen-

Pão dos Pobres

CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA

era o Caminho, que foi seguido até ao fim: Cristo Jesus. O «Pão dos Pobres» tem o valor de Evangelium sine glosa: É Pai Américo a falar-nos, hoje com então — e nós a ouvi-lo com todas as certezas da sua vida após e com todo o gosto de quem experimenta a surpresa da primeira vez.

Claro que seria tolice, e até profanação, reclamar o «Pão dos Pobres». Há muito que todos o esperam. Pois para estes a alegria e o ante-gozo da sua próxima leitura. E um pouquinho mais de paciência. Eu não sei se esta vez, o Júlio vai expedir do A pró Z, ou do Z pró A. No entanto, Abeis ou Zuzartes que ainda não estejam inscritos no ficheiro da nossa Editorial, façam-no quanto antes para não perderem logo à primeira a sua oportunidade.

tada, para ganhar o ano de 1958 e com os primeiros 100\$ deste ano.

A Maria e o Manuel, «para comemorar um data feliz» enviam 200\$ para a primeira pedra «com a promessa de 100\$ mensalmente (o que já cumpriram em Fevereiro) e a esperança de que Deus nos permita possuir um dia a nossa casa».

O último, chama-se Ninguém. Aparece com 2 contos para a «Casa de N.ª Senhora de Fátima» e com esta carta:

«Continuo a ler «O Gaiato» desde o início da sua publicação. Compreendo perfeitamente que não posso dispensá-lo, pois cada número, além da meditação a que me obriga, faz-me recordar a doutrina do anterior muitas vezes, envergonhado o digo, esquecida no curto espaço duma quinzena.

A sua doutrina «paulatim sed firmiter» tem exercido forte influência na concretização e resolução ao longo do tempo das minhas actuais ideias sobre os problemas humanos e a forma de os resolver.

Eu pergunto muitas vezes a mim próprio, desejoso de melhor auxiliar a Obra do saudoso Pai Américo, mas consciente que fico à quem das minhas possibilidades, qual a razão porque não há ainda uma lei de protecção à Família pela qual os Pais sejam, sem subterfúgios de qualquer espécie, obrigados a cuidar, pelo menos materialmente, dos seus filhos, acabando-se duma vez para sempre com a desumana designação de «filhos de Pais incógnitos» que marca como um ferrete, muitas crianças ao nascer sem que estas tenham qualquer culpa, inferiorizando-as durante toda a vida.

Nem Pais nem Filhos incógnitos; tudo a claro. Ou não será assim?»

Casas para Pobres

em COIMBRA

Cheguei de lá há pouco. Quando estou em Coimbra não resisto e chego a ir duas vezes ao dia vê-las subir. As casas para Pobres em Coimbra são agora a minha paixão. Tanto mais paixão quanto mais vejo apaixonados os Pobres que delas têm urgente necessidade.

Há dias estava ajoelhado em Santa Cruz e veio um grupo de crianças a correr pela igreja abaixo ter comigo. A mais velhota suplica com voz muito terna: dê-me uma daquelas casinhas que anda a fazer para a minha mãe para lá ir; na nossa chove muito e tenho muitos irmãozitos e o meu pai não tem uma perna. Mal esta acaba e logo outra começa: e na nossa está muita lama e o meu pai já não trabalha há muitos meses e passamos muita fome.

Não fui capaz de fazer mais oração. Não disse mais nada. O pedido daquelas crianças, ali diante do Senhor Jesus Sacramentado, foi o meu pedido. Foi naquele dia a minha oração. Ora et lahora. Reza e trabalha, é um princípio para todo o homem de obras que acredita.

Já dei a volta por algumas fábricas e fui bem recebido. Delas vizinhas, por intermédio do «Diário de Coimbra», ofereceram parte do tijolo e telha. Uma fábrica da especialidade pôs à disposição grande remessa de mosaicos. Outra já deu mil azulejos e vai dar mais. A Sacavém deu mil azulejos e três bacias de W. C.. De uma outra hão-de vir manilhas e louças sanitárias. Vou continuar. Se me mandarem embora, vou. Quero receber o sim e o não com alegria, por amor de Deus. Deus me ajude.

As «Filhas de Maria», de Coimbra, ateimam em construir um bloco de duas moradias e já vieram entregar vinte e cinco contos. Quando ao princípio pensávamos em doze apertávamos as mãos na cabeça. Agora, com a ajuda de Deus e de Nossa Senhora, já arranjamos vinte e cinco e vamos chegar aos quarenta. Quem havia de dizer?

Uns momentos antes alguém tinha-me entregue um envelope com trinta contos e este cartão: Andei a juntar como pude e Deus permitiu, para o jazigo para os meus pais, essa verba dos trinta.

Em vez de casa de mortos, casa de vivos! Eles, que sempre quiseram a sua casinha, sem o conseguir, ficarão assim mais contentes.

E eu, livro-me da «tentação» presente (e de tantos conselhos) de comprar... um automóvel que tanta falta me faz agora — dizem.

Aí vai e... a tentação acaba!

Ajude-me a dar graças a Nosso Senhor e bem haja por tudo.

Esta Doutrina não pode ser comentada. Só graças a Deus por ainda haver quem compreenda o Pai Nosso. Há tanta vaidade e inconsciência social na nossa Sociedade, que ficamos

CONTINUA NA OITAVA PÁGINA

PEDITÓRIOS

Sem que a tradição se houvesse quebrado ano algum, depois que Pai Américo começou (há muitos) as suas rondas de pedinte—nós temos ido, com licença dos Prelados e em combinação com Párocos e Reitores, por essas igrejas de Lisboa, Coimbra e Porto; e, no verão, por terras e praias.

Vamos como pedintes e nós mesmos apelidamos essas jor-

nadas de peditórios. Mas a verdade é que a força que mais intensamente nos impele, por sobre o cansaço de uma vida de muitos modos agitada, é o dever de levar, de levar inquietação e deixar estremecidos e estremecendo os fieis que encontramos. E a nossa intenção, por estranha, e até contraditória que pareça, não o é. Querem ouvir S. Paulo?

É na II Epístola aos Coríntios, que a Igreja nos dá a meditar logo no 1.º Domingo da Quaresma: «Porque embora eu vos tenha contristado com a minha carta, isso não me pesa. E se tive pesar, vendo que tal carta (embora fugidamente) vos entristeceu, agora alegro-me, não por vos ter entristecido, mas porque a vossa tristeza vos levou à penitência».

O caso do Doente incurável, do Pobre da mansarda, do pequenino inocente que sofre, ainda não os seus pecados, mas os de todos nós — não são histórias melodramáticas, posto façam chorar — e justamente!

— muitos dos que as escutam. São ilustrações de doutrina, que contristam, sem dúvida, mas que conduzem, por isso mesmo, a uma mudança de vida, que não é significada apenas pela esmola (quantas vezes de generosidade total e mesmo heróica—nós somos testemunhas!), mas por uma disposição de muito egoísmo, de muita insensibilidade diante da dor alheia — a qual é sintoma mortal numa sociedade em que todos devem ser irmãos.

É por isso que são os próprios fieis (que nós entristecemos duma tristeza que leva à verdadeira penitência—com o que nos alegamos!); é por isso que são eles próprios a estimar a nossa presença, a pedi-la mesmo, embora eles já saibam de antemão que a sua bolsa nesse dia é nossa.

Os homens são bem melhores do que se julgam, eles mesmos de si próprios, e uns dos outros! Bendito seja Deus!

Padre Horácio deve começar em breve a sua volta. Padres Manuel, José Maria e Acílio, por mais novinhos, ainda este ano foram poupa-

CONTINUA NA OITAVA PÁGINA

POBRES

Queremos que toda a nossa vida seja uma consagração a Deus. O rapaz a quem nos entregamos, na medida das nossas forças, é o meio de a realizarmos. Ele, o rapaz, o objecto primeiro do melhor da nossa vida de Padres da Rua.

Esta missão sagrada não nos impede, porém, que voltemos nossos olhares para os Pobres. Eles, uma porção querida da herança que Pai Américo nos legou: « Parece que a vida destes miúdos ocupa todo o nosso pensamento e que a Obra da Rua tem aqui os seus limites, mas não. Continuamos a ser, como dantes, o frequentador regular da Casa do Pobre, ouvindo dos próprios, pela centésima vez, a história da sua vida. Eles repousam dos seus males enquanto desabafam e gozam infinitamente a atenção que se lhes presta. Ele há tão pouca gente que disponha de tempo e que tenha paciência de ouvir os inválidos dentro de suas mansardas! A esmola ao pedinte das

ruas é mais cómoda e mais vistosa».

É por esta razão que, sempre que podemos, vamos por aí fora, ouvir desabafos, proporcionar conforto e receber lições. Quantas vezes é bem pouco o que damos em troca do que recebemos! É o Evangelho: « Dai e dar-se-vos-á ». E como a paga de Deus não é como a dos homens, recebemos cem vezes mais nesta vida e a Vida Eterna na outra.

É longe, mas não importa. Aos nossos ouvidos chegam gritos de aflicção da Mãe que se vê privada do braço que ganhava o pão para si e para os filhos. Todos eles pequeninos ainda. Fomos ver. O pai era um rapaz novo. No rosto o sinal da doença. O merceiro ameaçava: « Já não fio mais nem um tostão ».

Não havia lamentos pelo grande número de filhos. Havia, sim, falta de pão para lhes dar. « Vim-os, muitas vezes, comer pontas de pinheiro ». Oh! heroísmo!

Como andas longe dos grandes palácios e das grandes fachadas e vens esconder-te nas mansardas dos Pobres!

O merceiro fechara-lhes as portas, as nossas abriam-se. Todas as quinzenas, vindo as ruas da nossa aldeia, subindo as ruas, os filhos buscar o que outros haviam negado. O pai já trabalha. Graças a Deus.

É um caso triste, triste como tantos outros. Fez-nos sofrer muito. Não esta mãe e os filhos, mas aqueles que, à sombra da Casa do Gaiato, lhes fecharam as portas. Ela mesma se nos queixava amargamente: « Não me dão nada. Mandam-me vir ter aqui ».

Casos destes repetem-se a todos os instantes. Cada freguesia é responsável pelos seus Pobres. E não pode declinar esta responsabilidade sob qualquer pretexto. A Casa do Gaiato é fermento. E o fermento não substitui a massa. Pelo contrário penetra-a. Pois não falta quem pretenda cobrir o egoísmo e má vontade com o manto da Casa do Gaiato. Não somos nós quem acusa. São os Pobres que nos batem à porta todos os dias.

Padre Manuel António

CAMPANHA DE ASSINATURAS

ÁFRICA: As honras do dia vão direitinho pró Ultramar. O que por lá anda de interesse! Por isso, bem merece, de nós, um aceno de muita simpatia. Ouçam a voz da Beira:

« Em primeiro de tudo peço imensa desculpa de só agora dar notícias, mas creia que não foi por desleixo ou esquecer os meus compromissos com a Casa do Gaiato, antes foi conseguir novos assinantes e procurar devolver a lista devidamente preenchida e cheia. Assim, remeto uma com 7 novos assinantes e com as anuidades pagas adiantadamente. Vão indicadas as importâncias com que se inscreveram e se são muito modestas deve-se ao facto de serem ainda rapazes novos cheios de ilusões, para quem a vida material conta mais que a espiritual. Mas tenho a certeza que após lerem o « Famoso » ficarão mais crentes na Obra do Pai Américo e se tornarão « doentes » pela Casa do Gaiato. O que é preciso é que eles o leiam, pois se assim acontecer não mais poderão passar sem o ler ».

A Beira não fica por aqui. Um funcionário do Banco Ultramarino levantou o braço e pronto: uma pancada de colegas assinaram de boa vontade. Os funcionários do B. N. U. foram testemunhas da generosidade da Beira em 1953. Como ela gerou tantas casas do Património!

Beira tem correspondido, mas Lourenço Marques não fica atrás. Maria Eliza, mai-lo assinante 17.993 aqui vão com um punhado deles.

A Costa ocidental anima consoladoramente. Lobito, hoje, marca! Não!, que Lobito deve permanecer a pé firme e espalhar a semente lançada pelo nosso Amigo Sr. João Salema, ora no seio do Pai Celeste. Que Amigo! Sá da Bandeira e Dundo e Luanda e Vila Henrique de Carvalho seguem, com alegria, e bons assinantes. Bravo, senhores Africanistas!

METRÓPOLE: Vamos dar a palavra a Caldas da Rainha:

« Sou um pobre operário que luto com dificuldades e sacrificios para que o Pão não falte a seis pessoas que se sentam à Mesa pelo menos três vezes ao dia; mas contudo nunca me esqueço que leio « O Gaiato » e que tenho uma obrigação: arranjar assinantes ».

E a Vila Real:

« O Gaiato tem-me feito muito bem. São páginas de Vida que nos fazem acordar um pouco — senão de todo — da vida sem horizontes largos. Foram diversas as causas que me levaram a assiná-lo: 1.º porque sentia a minha responsabilidade como católica, de ajudar a Obra embora pouco que fosse; 2.º porque admiro e estimo e gosto do Jornal; 3.º para que não fosse motivo de escândalo para uma colega minha que não sendo católica, nem sequer baptizada, o assina há muito tempo. Agora vai um pedido. Como a minha colega não tem Fé e nem sequer manifesta preocupar-se com isso, — somos enfermeiras — e na nossa profissão tanta falta faz uma Fé forte e amorosa, quero pedir que se for possível, juntem às Vossas intenções habituais, esta, da conversão duma rapariga muito jovem — também o sou — que é dotada de muitos bons sentimentos mas que nada lhe aproveitou para a eternidade visto que não é baptizada. Sou um pouco omissa para a eternidade, mas que não são todos irmãos em Cristo, as preocupações de uns podem-se transmitir aos outros, e afinal o que peço é para a Causa Comum ».

Ó carta!

Antes de terminar eis a lista das terras que marcaram presença: Amareç Braga (« Braga não dorme », diz o postal. Vamos lá ver se daqui pró futuro damos o dito por não dito.), Gouveia, Grijó de Parada, Vila do Conde, Póvoa de Varzim, Barcelos, Vizela, Cardronelo, Amarante, Queluz, Tondela (um rôr deles e uma carta formosa!), Mogadouro, Caldas da Rainha, Estremoz, Penela, Aveiro, Valbom (Gondomar), Ponte da Barca, S. João da Ribeira, Valongo, Fânzeres (Gondomar), S. Pedro da Cova, Celorico de Basto, Valpaços, Fafe (pela mão da Mãe do Sr. Padre Zé Maria), e Fuste!

Na luta Porto — Lisboa, a capital ganha aos pontos. Alerta, senhores tripeiros!

Júlio Mendes

Aqui LISBOA

A gente nem pensa que de vez em quando é necessário escrever para o Jornal. E de cada vez é uma arrelia ao nosso Padre Carlos porque o menino não escreveu ainda. Tem sido sempre assim e hoje foi na mesma. Calculem o que é escrever com uma hora disponível para o correio depois de ter chegado a casa e ouvir o ladrar raivoso do cão de guarda. Este o enquadramento para « Aqui Lisboa ».

E agora vamos à vida. A nossa vida. A vida que Deus me deu amorosamente para sofrer. Desde que tenho Chefe as dores de cabeça são menos mas sempre as mesmas. Ele é

Colaboração dos leitores

CONTINUAÇÃO DA 2.ª PAGINA

eu sou um pobre farmacêutico. Pobre em saúde, pobre em dinheiro, pobre em energia física. Física, mental e moral. Sobre tudo talvez mais pobre nesta. Venho pois pedir uma ajuda. Nada peço de dinheiro pois que os Senhores também são pobres e têm muitos pobres. Mas peço a ajuda das vossas orações, trabalhos, abnegações e sacrifícios e esmolas, enfim, dos vossos méritos, que, pela misteriosa Comnhão dos Santos também, assim espero, me não de valer e não de valer àqueles a quem amo, a quem vejo sofrer, a quem vejo pecar, consumirem-se nas prisões de grades e nas sem grades, na miséria e pecado, na falta de Amor e de confiança. Desculpe-me este desabafo».

cheio de iniciativa. Poucas falas mas muito rasgo. As obrigações andam mais cuidadas, a venda do « Gaiato » subiu. Deixou o ofício para se dedicar. A todos pede contas e sempre mas dá. Contas de Rapaz. De quem, com esforço, moldou um carácter duro.

Enquanto estava para Lisboa andou ele à cata de coisas escondidas. É que ele há muitos que conseguem esconder o mal que fazem e só dificilmente muito tarde aflora o podre que têm. Pois hoje o Anastácio deu uma volta pela casa toda. E logo chegado veio dar contas. Como estava aflito a pensar no que escrever, combina comigo os castigos a dar a cada um em tribunal. Vai falar ele mesmo. Vai defender a honradez, vai apelar para a verdade. Vai falar alto das quedas de cada um, com aquela força interior e aquele estímulo inquietante de quem caiu nas mesmas faltas e hoje adquiriu um equilíbrio consciencioso.

Eu gostava de poder ouvi-lo, apreciar a serenidade e segurança do que vai dizer. Mas tenho de fazer esta.

Entretanto chegaram os vendedores das companhias que lhe vêm dar contas. Ele interroga e faz perguntas sobre perguntas. E a ver se há segurança nas contas não deixa o dinheiro despediú-os para a ceia mas logo os chamou. Está aqui num quarto ao lado. As perguntas são rigorosas. Ouvi cair os sapatos deles no chão. Pô-los descalços a certificar-se plenamente da integridade.

Um que o não foi a exigir integridade. Nós não somos um regime de desconfiança. É simplesmente porque confiamos demasiado. Damos toda a liberdade para tudo podermos exigir do Rapaz. Depositamos nele toda a confiança para podermos tirar a prova mais dura; nele toda a esperança para que sinta a alegria de caminhar para o bem que lhe apontamos. Não há talas nem código. O que hoje faz toda a esperança deste Rapaz são as quedas e manhas do passado. Dir-se-ia que é mestre, porque tem a escola toda. Eu, porém, dou graças muito altas a Deus porque não é nenhum anjinho. Bendito fruto «duma obra cujo pensamento dominante é o bem espiritual de seus filhos».

Padre Zé Maria

Peditórios

CONTINUAÇÃO DA 7.ª PAGINA

dos à prova. Mas no próximo... vão ver! Eu tenho batido as igrejas de Lisboa e Padre Zé Maria (para quem peço) já ameaçou que após a Páscoa não me dará nem um domingo de descanso. Espero em Deus que os Párocos da capital, lhe não de atropelar o programa!

Padre Baptista tem corrido o Pão. Sempre se lamurgia e vai pedindo dispensa, mas a verdade é que até agora bateu todos os « records », de Pai Américo, inclusivé.

Por tudo e pela bondade que Deus vai derramando no coração dos homens, bendito seja o Seu Santo Nome.

Casas para Pobres em Coimbra

CONTINUAÇÃO DA 7.ª PAGINA

atordoados com estas acções de nobreza! Graças a Deus que ainda as há!

Nesse mesmo dia fui combinar com o Sr. Bernardo Teles a construção da casa para Centro Social, onde vão ficar as Criaditas dos Pobres. Sem elas, iríamos amontoar miséria e mais nada. A vida dos Pobres continuaria sem rumo. A maior falta da quase totalidade destas famílias é a má orientação e pouca educação. De pouco vale dar-lhes casa e comer. É necessário o complemento. Este complemento é o que as Criaditas vão dar. Ajudemos todos.

Padre Horácio